



FCCB

Boletim

FOTO-CINE CLUBE BANDEIRANTE

ANO IV — N.º 48

ABRIL — 1950



"SOL E VENTO"
Barbara Mors

1 organização;

2 companhias;

3 grandes qualidades: *Prestígio!*

Confiança!

Garantia!

INDIANA

A VANGUARDA

COMPANHIAS DE SEGUROS GERAIS

RUA BÔA VISTA, 236 — 3.º ANDAR

FONE: 2-7580

SÃO PAULO



Capital - Cr\$ 3.000.000,00

DIRETORIA:

Dr. Wilton Pais de Almeida - Presidente

Guilherme Afif - Superintendente

Aldo A. de Souza Lima - Secretário



Capital - Cr\$ 5.000.000,00

DIRETORIA:

Guilherme Afif - Presidente

Aldo A. de Souza Lima - Superintendente

Jamil Domingos - Tesoureiro

Gerente Geral - Roque Summa

INCENDIO
TERRESTRES
MARITIMOS
CORREIO
ACID. PESSOAIS
RESPONSAB. CIVIL

AGUARDAMOS COM PRAZER A HONROSA CONSULTA DE V. S.

FOTOPTICA

Foto · Cine · Otica

Foto · Cine · Otica

FILMADORES (8 mm.)

- 8136 - Kodak Magazine, com objetiva cambiável, Ektar 1:1,9 azul, com 4 velocidades, usando film em magazine, com visor ajustável para objetivas de diversas distancias focais, com mala original Cr.\$ 4.700,00
- 8224 - De Jur, magazine, com objetiva Wollensak 1:2,5 azul, trocável, montado em cabeça giratória para três objetivas, modelo especial com "Fadematic" (diafragma embutido separadamente, para fusão de cenas ou truques), com visor ajustável, com mala original Cr.\$ 5.850,00
Objetiva grande angular para ser adaptada á objetiva do aparelho Cr.\$ 1.250,00
- 8106 - Briskin, para filmes magazine, com objetiva Wollensak 1:2,5 com 4 velocidades Cr.\$ 2.600,00
- 7950 - Revere Turret, para filmes standard de 8mm., em rolo duplo, com torre giratória para 3 objetivas; com as seguintes objetivas: normal Animar 1:2,5 e tele_objetiva Ilex 1:3,5 de 1,5 polegada, com 5 velocidades Cr.\$ 5.500,00
- 8298 - Nizo, recém chegado da Alemanha, para usar filme 8mm. standard em rolos duplos, com objetiva Cassar Schneider 1:2,5 azul, cambiável, com velocidades de 8, 16, 32 e 64 quadros por segundo, com três visores: normal, reflex e reflex lateral, com propulsor e manivela para reverse do filme, com mala Cr.\$ 3.100,00

(16 mm.)

- 8258 - Keystone, modelo A-7, com capacidade para rolos de 100 pés de film, com objetiva 1:1,9 Wollensak azul, com 7 velocidades Cr.\$ 3.980,00
O mesmo modelo com mala de couro, original Cr.\$ 4.580,00
- 8267 - Keystone magazine, novidade da fábrica, com objetiva Cine Raptar 1:1,9 azul, combiável, com 4 velocidades, visor ajustável, com mala Cr.\$ 6.420,00
- 8187 - Bell & Howell "Filmo", magazine, com objetiva Cooke 1:1,5 azul, cambiável, com 5 velocidades Cr.\$ 6.930,00
- 8279 - O mesmo modelo acima, porém com objetiva 1:1,9 Cr.\$ 5.200,00
- 8278 - Paillard Bolex, filmador completo, com 3 objetivas em torre giratória, com velocidade de 8 a 64 quadros por segundo, com focalização reflex, manivela para reverse do filme, obturador para quadro por quadro em instantâneo ou pose, mecanismo interno automático para colocação do filme. Com objetivas: normal 1:1,4 Switar azul, grande angular 1:2,8 Yvar azul, tele-objetiva 1:2,5 Yvar azul, com mala original de couro Cr.\$ 16.200,00

Projetores Sonóros 16mm., Novos:

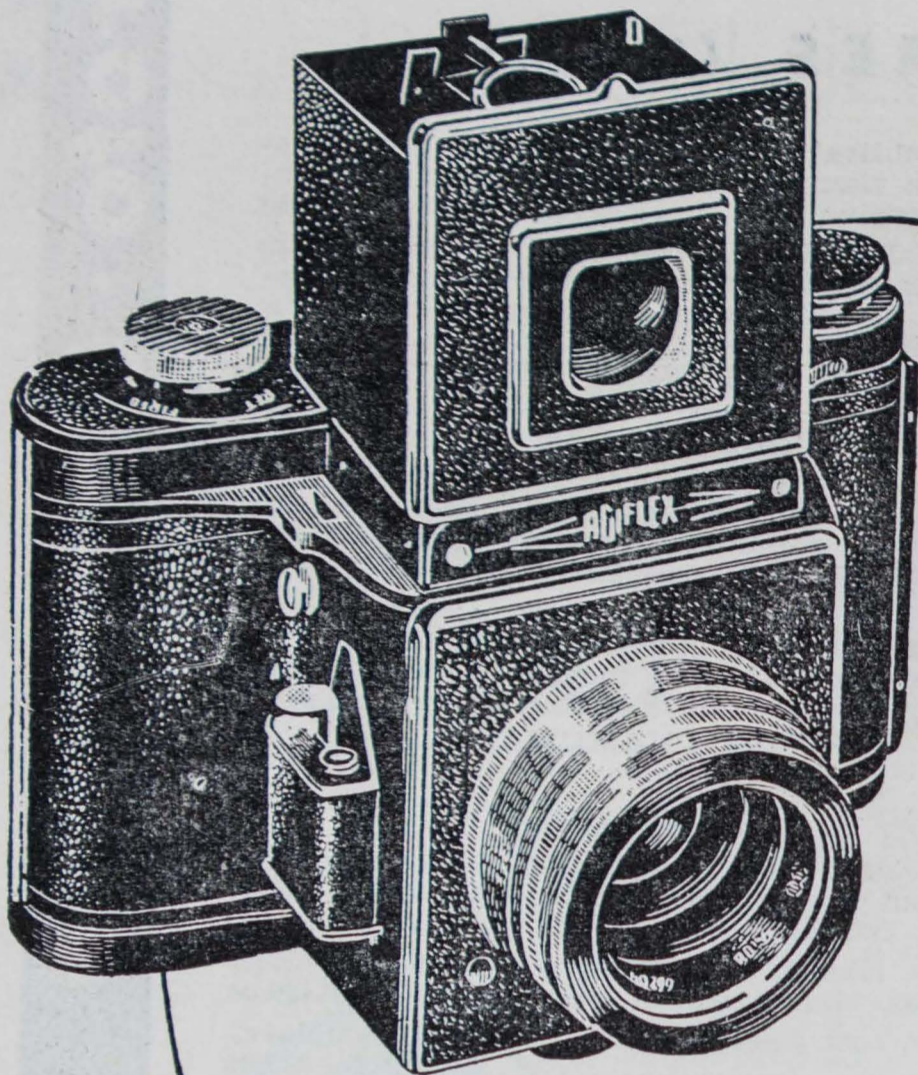
- 8592 - Revere, modelo S-16, ótima sonorização, projeta também films mudos, lâmpada 750 watts, objetiva 1:16, de 2 polegadas, altofalante montado na própria mala Cr.\$ 13.400,00
- 8544 - Natco, modelo 3030, para projeção de films mudos e sonoros, lâmpada 750 watts, objetiva 1:1,6, 2 polegadas, com falante montado na própria mala Cr.\$ 12.950,00
- 8580 - Ampro, modelo Compact, projeção muda e sonora, lâmpada 750 watts, objetiva 1:1,6, 2 polegadas, com altofalante montado na tampa da mala Cr.\$ 13.125,00
- 8541 - De Vry, modelo Batan, para projeção de films mudos e sonoros, com lâmpada 750 watts, ventilador possante, objetiva 1:1,6, 2 polegadas, com falante montado na própria mala Cr.\$ 13.500,00
- 8608 - Bell & Howell "Filmosound Compact", modelo 185-C, para films mudos e sonoros, lâmpada de 750 watts, objetiva 1:1,6, 2 polegadas, com marcha á frente e á ré nos films mudos inclusive parada para projeção de um só quadro, altofalante montado na própria mala Cr.\$ 15.000,00
- 8551 - Bell & Howell "Filmosound mod. 179", idem ao modelo acima, porém com altofalante de 12 polegadas montado em mala separada, sendo de ocasião, mas em estado de novo Cr.\$ 15.500,00

FOTOPTICA

RUA S. BENTO, 359 - TELEFONE, 2-4900 -:- RUA 7 DE ABRIL, 102 - TEL., 4-0788
CAIXA POSTAL, 2030 - End. Telegráfico: FOTOPTICA S. PAULO — SÃO PAULO
ESCREVAM OU VISITEM-NOS — ATENDEMOS PELO REEMBOLSO.

Você ficará admirado!

Sim! Até você ficará admirado com os excelentes resultados das máquinas Agiflex e Agifold. Tanto o amador avançado e exigente como o principiante na arte da fotografia obtêm resultados simplesmente maravilhosos. Seja você também um feliz possuidor de uma Agiflex ou Agifold. Dois tipos diferentes para sua melhor satisfação.



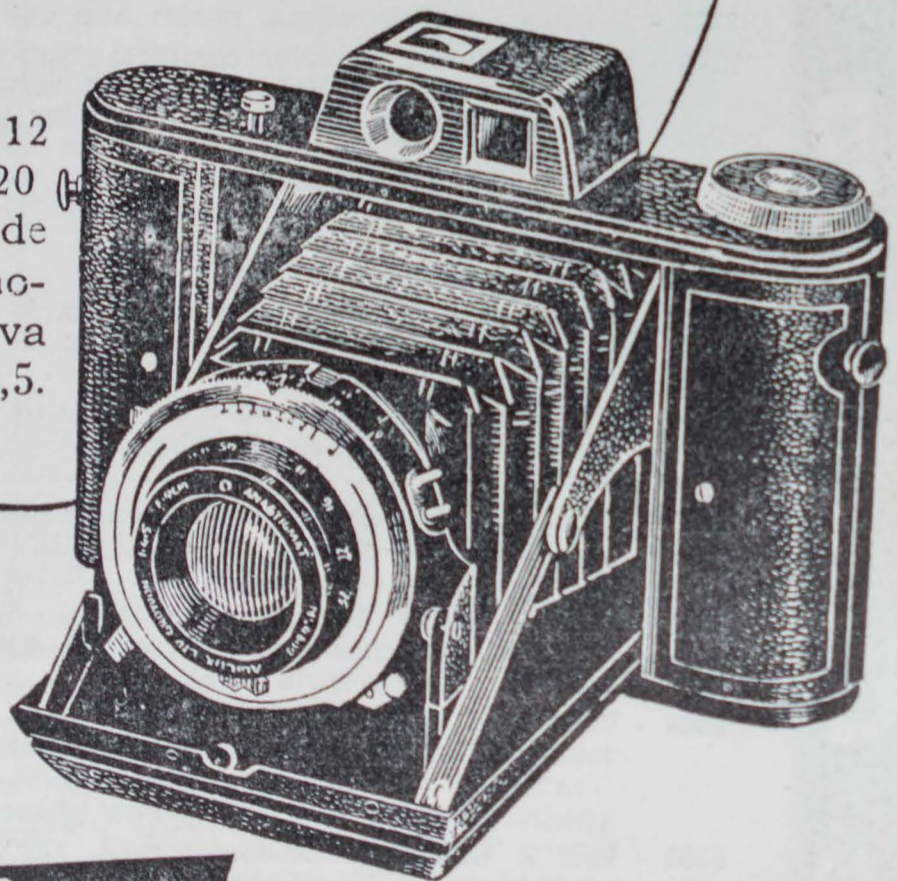
AGIFLEX

câmera tipo reflex, tira 12 fotos 6x6 em filme 120. Construção fortíssima, obturador de grande precisão com velocidade até 1/400. Objetiva Agilux 1:3,5 azulada.



AGIFOLD

câmera de fole, tira 12 fotos 6x6 em filme 120. Construção sólida e de aparência moderna. Objetiva azulada 1:4,5.



PRODUTOS DA AGILUX LTD.
DISTRIBUIDOS POR MESBLA

Mesbla

Rua 24 de Maio, 141 - São Paulo

A VENDA NAS
BOAS CASAS DO RAMO

RIO - P. ALEGRE - B. HORIZONTE
NITERÓI - PELOTAS - RECIFE - VITÓRIA

Agora **16^M/_M**
EM



ALDO FABRIZI
ANNA MAGNANI
em

“CADA QUAL COM SEU DESTINO”
(CAMDO DE FIORI)
e mais

Despedida — Tango na Broadway — Costa
Abaixo — O Governador — Noivas de Tio
Sam — Jacaré — Vive-se uma só vez —
Paixonite Aguda — Tensão em Shangai —
A Mulher Tarzan, etc.

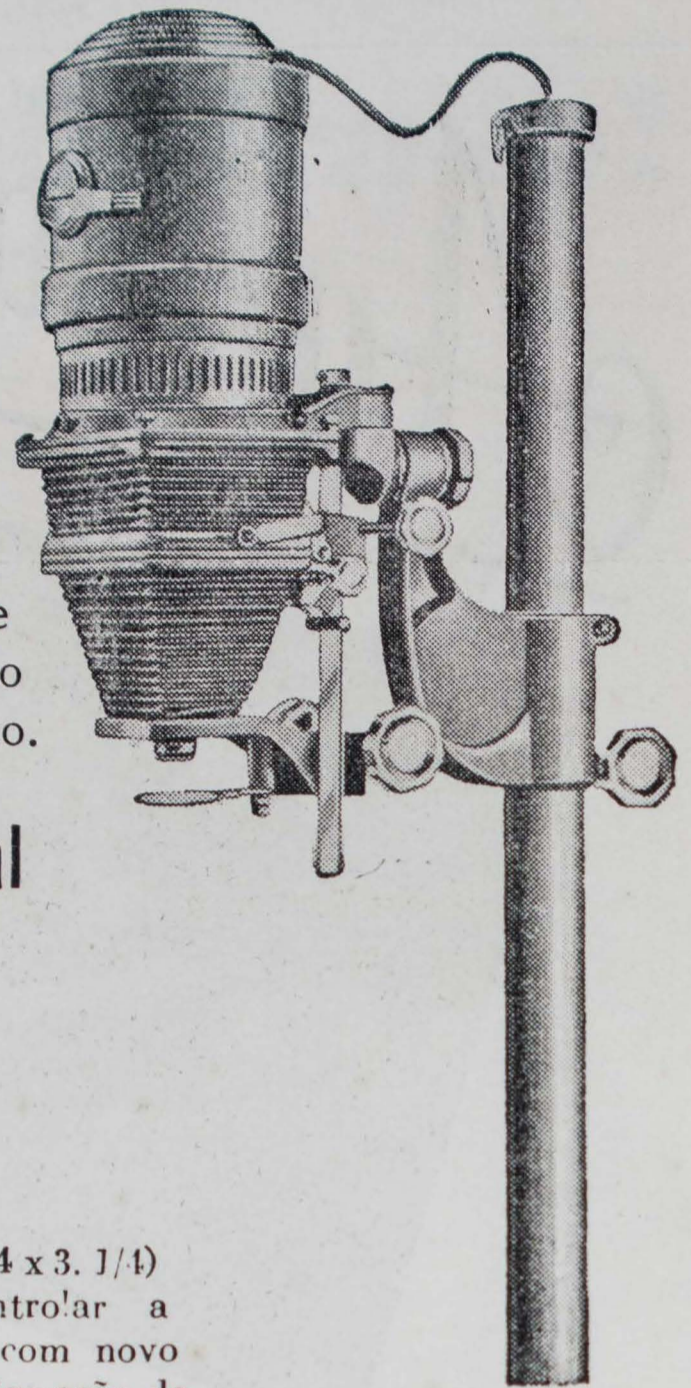
PARA ALUGUEL E VENDA

Cine★
FORNECEDORA

Tudo para cinema

AV. RIO BRANCO, 181, 5.ª AND. ED. CINEAC TRIANON. TELS 42-5111 • 52-0828 • RIO

Um serviço fotográfico adequado depende também do melhor material. Em todo o mundo DeJUR é conhecido sempre como a fonte, por excelência, do material fotográfico incomparável: Ampliadores, Fotômetros e material em geral de "quarto escuro", em DeJUR é perfeito.

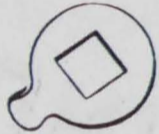


Equipamento profissional

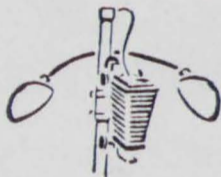
DeJUR - AMPLIADORES



1 - Color-Head
Para ampliações



2 - Negat-Car
Caixilho
Caixilhos - 35 mm.
4,5 x 6 - 6 x 6 - 6 x 9



3 - Copying Lights
Braços-Laterais
Para reproduções



4 - Camera Back
Para substituir uma
camera fotográfica.
Pode servir para re-
produções.



5 - Color-Filter
Para separação de
negativos.

VERSATILE I

Para negativos até 6 x 9 (2. 1/4 x 3. 1/4) possui dispositivo para controlar a distorção. Patente exclusiva com novo sistema aèro tech - para refrigeração da lâmpada com o máximo de luminosidade.

VERSATILE II

Tipo popular e melhor ampliador. Dois controles - também com aèro-tech para refrigeração da lâmpada Para negativos até 3. 1/4 x 3. 1/4 - 9 x 9.

VERSATILE

"PROFISSIONAL" (4x5)

Dos mais eficientes e completos, apropriado para negativos desde 35 mm. até 4" x 5". Especial para profissionais. Máximo de luminosidade. Completo e perfeito controle para corrigir a distorção. Micrômetro com escala para ajustar exatamente o ângulo de projeção



Cipan

S. Paulo: Rua D. José de Barros, 238 — Fone: 6-6913

Rio: Avenida Presidente Wilson, 113-A (Edif. Brasilia)

FOTO-CINE CLUBE
BANDEIRANTE
BOLETIM

(Reg. n.º 254)

—x—

Diretor Responsável :
Dr. Eduardo Salvatore

Diretor de Redação :
Dr. Jacob Polacow

Diretor Comercial :
N. Kojranski

—x—

Redação e Administração :
Rua São Bento, 357 - 1.º and.
São Paulo — Brasil

FOTO-CINE CLUBE
BANDEIRANTE

•
Laboratório e Atêlier para
aprendizagem e aperfeiçoamento.

•
Sala de leitura e bibliotéca
especializada.

•
Excursões e concursos mensais
entre os sócios.

•
Participação nos salões e concursos
nacionais e estrangeiros.

•
Intercâmbio constante com as
sociedades congêneres de todo
o mundo.

•
DEPARTAMENTOS :

Fotográfico
Cinematográfico
Secção Feminina.

•
Cr. \$
Joia de admissão 50,00
Mensalidade 20,00
Anuidade (recebida somente nos meses de janeiro a março de cada ano 200,00
Taxa extra mensal 10,00

•
Os sócios do interior e outros Estados e da Secção Feminina gozam do desconto de 50%.

•
Séde Social :

Rua Avanhandava, 316
S. PAULO — BRASIL
Fone : 2-0937

ANO IV — N.º 48

ABRIL — 1950

A Nota do Mês

Afirmou-se alhures que o 10.º aniversário do F.C.B., marcou o término de um ciclo bem definido na vida da Entidade. Nessa ordem de idéias, o 11.º aniversário, que estamos comemorando neste mês de abril, constitui sem dúvida, o 1.º ano de uma nova e promissora etapa, distinta daquela que caracterizou o decênio passado.

Dois lustros foram necessários para a consolidação do Bandeirante como associação fotográfica de projeção internacional. Dez anos de trabalho intenso e ininterrupto para proporcionar aos seus associados, não somente uma séde condigna, mas especialmente, uma casa onde se estuda, discute e faz fotografia, num estágio de adiantamento artístico que vem causando admiração nos mais adiantados centros de todo o mundo.

Ao asseverarmos que, neste mês comemoramos o primeiro aniversário de um novo ciclo, não estamos fazendo demagogia e não estranha que a revelação represente novidade até para muitos dos associados da agremiação.

A cultura da Fotografia como Arte, aqui no Brasil, ressentia-se de uma formação básica, de um alicerce escolástico, (temos receio de dizer acadêmico, para não sermos acimados de reacionários pelos modernistas), de tal sorte que cada qual acumulava uma bagagem diversa, heterogênea e desordenada de conhecimentos técnicos e artísticos. E assim, mesmo os representantes exponenciais da classe, não passavam de autodidatas, guiados quasi que exclusivamente pela intuição e pelo senso estético.

Tal estado de coisas não deveria perdurar, razão pela qual, há um ano, a Diretoria do Bandeirante vem pondo em prática, um sistema de trabalho clubístico "sui generis", transformando o Clube, imperceptivelmente, numa verdadeira Escola de Arte Fotográfica.

Objetiva com isso, apenas a formação básica dos artistas-fotógrafos, uma vez que a sua realização posterior é uma questão puramente individual.

A experiência de um ano, convenceu plenamente á Diretoria do F.C.B. e a todos aqueles que vêm acompanhando de perto as nossas atividades, motivo pelo qual, é pensamento dos dirigentes, a instalação de cursos regulares de Arte Fotográfica, em futuro próximo.

Reafirmamos, pois, o nosso regozijo na comemoração do 1.º aniversário desta nova etapa da vida do Bandeirante, confiantes na marcha ascencional e gloriosa a que está predestinado o nosso querido Clube.

O FOTO-CINE CLUBE BANDEIRANTE, receberá com prazer a visita de todo e qualquer aficionado da arte fotografica, assim como responderá pelos seus Departamentos, a qualquer consulta que lhe fôr dirigida quanto ás suas atividades ou sobre a prática de fotografia e cinematografia amadorista. Outrosim, recebe, sem compromisso, colaboração para o seu Boletim sendo que as opiniões expendidas em artigos assinados, correrão sempre por conta de seus autores.

Toda correspondencia deve ser dirigida para a séde social do FOTO-CINE CLUBE BANDEIRANTE - Rua Avanhandava, 316, S. Paulo, Brasil.

A OBRA PARA EXPOSIÇÃO

FILM PACK

Por estes dias, muitos dos nossos fotógrafos já estão considerando a possibilidade de obter a admissão de suas obras nos próximos salões, nos quais esse acontecimento constitue uma verdadeira honraria. Para lograr seus propósitos, deverão ter sempre em mente o fim a que se propõem, pois é sabido que não basta por um assunto diante da objetiva e fazer do mesmo um bom negativo para que se possa realizar uma boa ampliação que tenha aceitação nos concursos. As fotografias a serem inscritas, deverão ter a virtude de chamar poderosamente a atenção do juri e não podem, de forma alguma, ser do tipo comum. Deverão demonstrar distinção para dar uma idéa cabal da personalidade do autor.

O primeiro ponto a ser considerado é o de que a obra candidata a exposição deve possuir alguma originalidade. Isto, sem se falar no assunto e na sua pose. Hoje em dia se torna mais difícil obter um assunto original, pois muitos deles já foram fotografados uma infinidade de vezes. De forma que se depreende que os jurados não hão de mostrar muito entusiasmo deante de tomadas que sejam a reprodução do que já foi visto centenas de vezes. O assunto pode ser comum, de um ponto de vista diferente, ou em outras palavras, poderá ser um tema já familiar mas apresentado de forma diversa. Isto tem incentivado muitos fotógrafos a adotar novos ângulos de tomada, inclinando suas câmaras ou colocando-as no solo, adotando pontos de vista muito especiais.

Neste assunto da originalidade convem lembrar que alguns artistas tolhem liberdade á sua própria interpretação procurando imitar tomadas que tenham tido geral aceitação nos salões. Sem querer, quasi inconscientemente, caem nas simples copias, simples imitações que pouco recomendam a eles próprios. Quem quiser que suas obras sejam aceitas nos salões, deverá apresentar trabalhos verdadeiramente pessoais, nos quais não haja nem sombra de imitação.

Existem duas formas de assegurar ou pelo menos facilitar a admissão nos salões. Pode-se fazer a seleção dos melhores negativos obtidos, para copiar os que tenham maior qualidade, ou pode-se desenvolver uma idéa interpretativa que seja realmente boa, para depois transfor-

má-la em um negativo de qualidade que dara a ampliação ou ampliações a serem enviadas aos certames.

A primeira, é a maneira mais comum de trabalhar, porém, a última é, na realidade, a mais acertada, apesar de existirem os que dizem que a aceitação por parte do juri é mais uma questão de sorte e, portanto, é desculpável a atitude de quem escolhe negativos tomados ao acaso e sem uma idéa preconcebida. É certo que existem muitos exemplos a favor das fotografias produto da sorte, mas também são muitos os exemplos de fotografias premiadas que haviam sido previamente planejadas e depois cuidadosamente realizadas.

Seja qual for o método que se siga, não há dúvida que convém começar a selecionar e trabalhar com bastante antecedência da época do concurso. A pressa é fatal para as boas obras e deve-se acrescentar que tendo-se as fotografias prontas muito antes de sua apresentação, pode-se fazer uma auto-crítica mais consciente. É de bom aviso, por exemplo, tomar a fotografia, terminá-la bem e colocá-la num lugar bem visível, onde estará sempre ao alcance da vista. Depois de se viver junto a ela durante um par de semanas, a primeira idéa de satisfação que é inherente a toda obra recém executada, irá se dissipando, dando lugar então á observação sincera de seus defeitos. As pequenas falhas de composição, os pontos debeis que poderiam ter sido eliminados pelo corte, a falta de unidade; tudo se tornará então evidente aos olhos do próprio autor, se este souber cultivar seu carater de auto-crítica e levá-lo á conclusão de que, de fâto, a obra é tão boa como lhe parecia ao princípio.

Não devemos deixar de lembrar que há maior aceitação pelos tamanhos maiores. Como regra geral, o tamanho 18x24 é o menor que pode ser considerado como admissível, enquanto que a medida quasi universal é de 24x30. Deve-se ter cuidado numa ampliação excessiva, pois ela poderá prejudicar a qualidade, aumentando consideravelmente a granulação e os defeitos do negativo.

Outra consideração a ser feita é a de que as obras de Salão devem ser mais firmes em seus tons do que as que se fazem para figurar no lar. As galerias de exposição estão sempre fortemente ilu-

minadas e somente uma imagem vigorosa pode resistir a tal iluminação e sobressair dentre as que a rodeiam.

A técnica fotográfica deverá ser perfeita, pois sendo fotografias artísticas as que se expõem, o caráter técnico da imagem pode acentuar ou diminuir os méritos pictóricos. Depois de tudo, devemos recordar que o propósito da fotografia, é expressar uma idéia, ou uma fase da vida. Somente com uma técnica impecável se poderá obter tal fim. Este ponto é quasi sempre descuidado. Frequentemente as ampliações enviadas a concurso são de qualidade pobre, ou de tonalidade geral fraca, ou ainda incluem defeitos que uma boa técnica fotográfica poderia ter evitado.

As normas que regulamentam as exposições são geralmente as mesmas e em pequeno número. Isto significa que devem ser respeitadas conscientemente para não cair em desclassificações desagradáveis. Uma das regras é a que fixa o tamanho (mínimo e máximo) das obras assim como das montagens sobre as quais deverão ser apresentadas. Também é costume estabelecer-se que a montagem deve ser de cor branca ou clara. Isto pode fazer pensar que a montagem não tem importância e que qualquer material serve para tal cousa. Nada menos verdadeiro, pois muitas boas fotografias perdem suas possibilidades, por estarem mal apresentadas.

Também o mau recorte das margens pode desmerecer sensivelmente uma ampliação. Há algumas que não estão exatamente retangulares, outras que não estão corretamente centralizadas na montagem, outras ainda mostram manchas de

cola, rasgos provocados pelo descolamento da ampliação mal montada, etc., etc.. Não pode haver desculpas para isso, pois se supõe que a obra é índice da capacidade do autor e como amostra de competência deve ser apresentada de forma impecável.

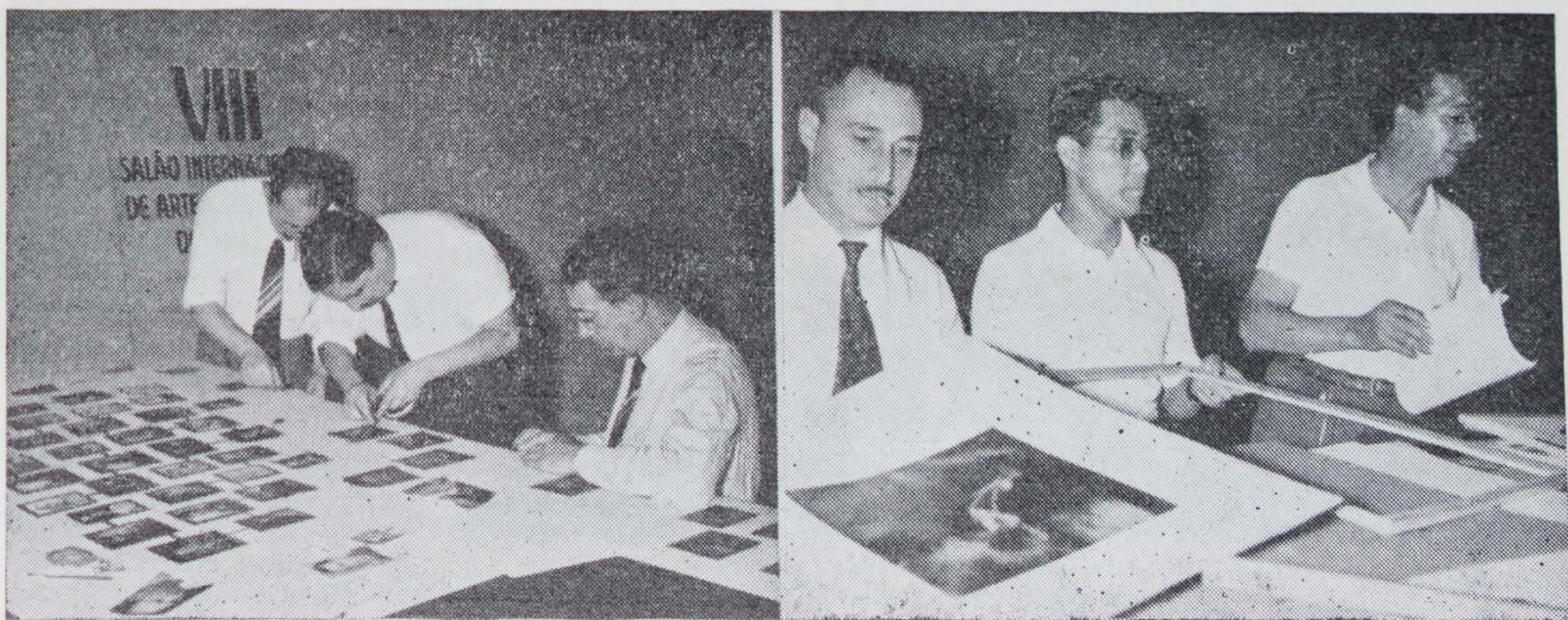
É muito importante ler cuidadosamente o que diz respeito às limitações no tamanho da montagem, pois é o que mais está sujeito a pequenas alterações.

Alguns artistas procuram melhorar suas obras com alguns toques de lapis, acrescentando linhas ou reforçando as mais importantes que estão na imagem. Isto deverá ser feito muito corretamente, pois, do contrário, poder-se-á prejudicar bastante a qualidade. Existem fotógrafos que fazem isto muito bem, com linhas de traçado aparentemente descuidado, mas muito poucos poderão jactar-se de serem artistas capacitados nesse sentido.

Os escritos sobre a montagem sempre são objeto de discussão. Alguns julgadores não apreciam marcas ou escritas e são inclinados a desclassificar as obras com nomes ou palavras sobre a montagem. Como as linhas traçadas a lapis, os nomes ou títulos devem ser feitos com traços nítidos e artísticos. Não se deve usar tinta, mas unicamente lapis de tom claro. Em caso de dúvida sobre a proibição de escrever, convem abster-se de fazê-lo.

Finalmente, as obras devem ser cuidadosamente embaladas, para que cheguem aos salões de exibição, em boas condições.

(Transcrito do
CORREO FOTOGRAFICO SUDAMERICANO)



CENAS DO VIII SALÃO — Ao encontrarem o Salão todo bonito e arrumadinho, poucos são os visitantes que sabem que isso tudo é devido ao esforço pessoal dos próprios diretores e associados. Os clichés fixam os consócios, Florence, Geraldo, Yalenti, Nuti e Otsuka entregues aos trabalhos preparatórios.

CARTAS DE FRANÇA

MARIUS GUILLARD

Em meu artigo precedente, procurei situar, a largos traços, as tendências atuais da fotografia francesa e me comprometi a voltar posteriormente, esclarecendo certos aspectos particulares de suas tendências.

Hoje, discorrerei, pois, sôbre uma particularidade que encontramos na maior parte, para não dizer na quasi totalidade dos trabalhos fotográficos franceses atuais: sua nitidez.

Assim, entre as duas tendências que se defrontam, a fotografia "nítida" e a fotografia "flou", a primeira tem merecido grande importância atualmente.

A que atribuir a tendência marcada pela alta definição? Certamente á evolução na escolha dos assuntos que utilizam presentemente os nossos amadores; com efeito, para favorecer ao máximo a estética que se encontra nas cenas de gênero ou outras tomadas de vista de cenas da vida corrente, que são os assuntos da predileção dos nossos fotógrafos amadores, uma nitidez rigorosa, indo quasi à aridez, é imprescindível. É uma questão de bom senso, e isso a maior parte dos nossos amigos o compreenderão, pois que, uma fotografia, na sua essencia, onde o olhar não deve se agarrar a uma multidão de acessórios inúteis, deve apresentar o motivo principal, o seu centro de interêsse, com vigor, logo, com uma nitidez rigorosa.

Não é de se crêr, por isso, que nas fotos dos que são apegados à "nitidez", (os "nitidistas" para chamá-los pelo nome), não haja destaque dos planos e por isso mesmo, os trabalhos sejam achataados, e sem profundidade. Não. Porque uma utilização criteriosa da perspectiva na tomada de vista, tem permitido tornar esse tropêço.

Por outro lado, o abandono quasi que total das cópias em superfícies ditas artísticas, como o bromolio, carvão (com exceção do Gevaert, Gevalux que tem lugar à parte), também contribuiu ponderavelmente para o incremento deste movimento "nitidista", o qual adquire toda sua força de expressão no papel brilhante esmaltado ou simplesmente brilhante.

Quais as consequências que este movimento "nitidista" pode provocar? Primeiramente, do ponto de vista artístico,

a obrigação para o amador de ver as coisas que o cercam com novos olhos e, em segundo lugar, de banir todos os assuntos de estrutura complicada, que não seriam suficientemente "legíveis"; isto equivale dizer que o "gros plan", fez atualmente dos dias bonitos, participantes do "nitidismo".

Do ponto de vista técnico, é fácil compreender que um resultado final impecável, que não apresente o menor defeito, exige do autor uma atenção constante, desde a tomada de vista até a cópia final, atenção que se concentra sobretudo no fato de evitar a qualquer preço o acesso à poeira, durante as sucessivas operações.

Segue-se pois, que uma evolução na escolha do formato, da tomada de vista, está em vias de se consubstanciar e isso, lógicamente, no sentido da utilização de formatos muito grandes.

Este último assunto, será objeto duma próxima carta na qual tentarei expor algo sôbre os diferentes materiais de tomada de vista empregados atualmente pelos amadores franceses.



CALENDÁRIO DAS ATIVIDADES SOCIAIS DO MÊS DE MAIO

No decorrer do mês de maio os diversos departamentos do Clube realizarão as seguintes atividades:

Dia 18, quinta-feira, às 20,30 horas, na sede social, inauguração da exposição individual de fotografias do destacado artista-fotógrafo sr. JUAN PI, de Mendonza, Argentina, com a colaboração do Museu de Belas Artes de San Rafael e outras entidades culturais desta cidade.

Dia 20, sábado, às 18 horas, encerramento de inscrições ao concurso interno, sob TEMA LIVRE e ao 3.º concurso de diapositivos em cores, também sob TEMA LIVRE.

Dia 24, quarta-feira, às 20,30 horas, julgamento do 3.º concurso de diapositivos em cores.

Dias 27 e 28, sábado e domingo, excursão CAMPINAS-SALTO DE ITÚ.

Dia 30, terça-feira, às 20,30 horas, julgamento do concurso de fotografias do mês de maio.

A VISITA DE ALBERTO J. POZZI

Sócio n.º 2 e, portanto, um dos fundadores do prestigioso Foto Club de Buenos Aires, membro de sua Diretoria e, além disso, destacado participante de muitos salões internacionais, o nome de Alberto J. Pozzi já era bastante conhecido dos “bandeirantes” e de quantos acompanham o movimento artístico-fotográfico sul-americano.

“Glober troteur” incansável, aproveitou Pozzi suas férias deste ano no importante jornal “La Prensa”, onde labuta ha 26 anos, para vir conhecer algo do nosso Brasil, visitando S. Paulo, Santos e Rio de Janeiro.

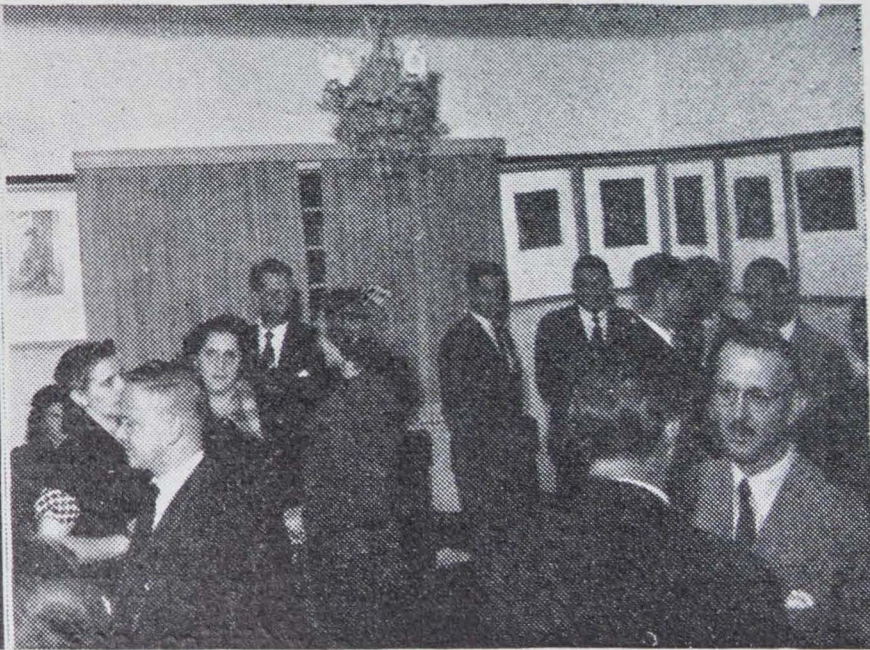
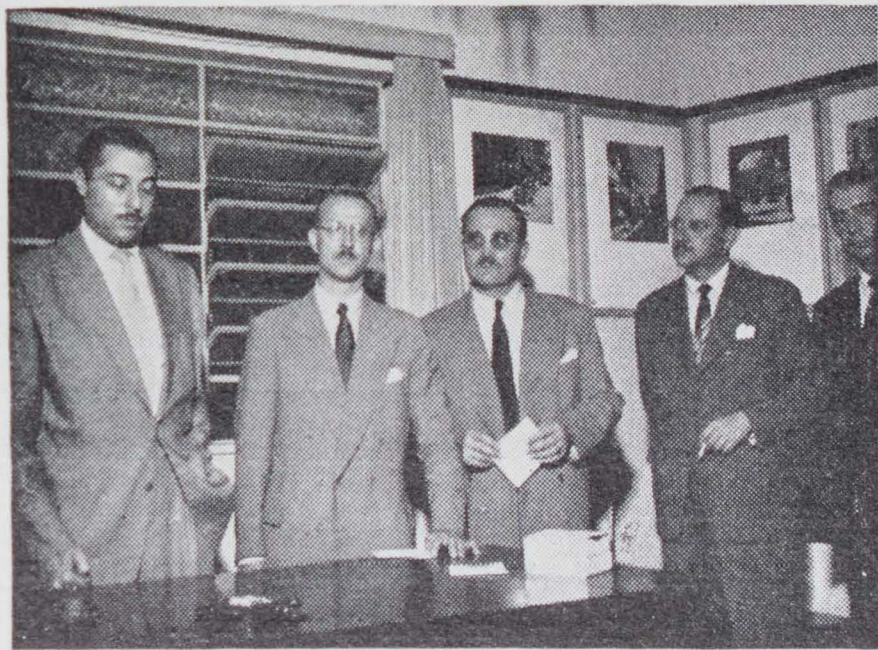
A noticia de sua visita movimentou pois os “bandeirantes”, desejosos de dar ao distinto confrade, fraternal acolhida, de maneira que sua estadia entre nós veio a constituir uma prolongada festa de confraternização argentino-brasileira.

Recebido em Congonhas pela Direto-



Logo após sua chegada, o destacado aficionado argentino, Alberto J. Pozzi foi visitar o VIII Salão Internacional de Arte Fotográfica de S. Paulo, na Galeria Prestes Maia. Vemo-lo no cliché acima, trocando impressões com nosso Presidente e o consócio Arnaldo M. Florence.

ria do Clube a 1 de abril, nessa mesma tarde, após percorrer os pontos mais pitorescos de nossa Capital, visitou Pozzi o VIII Salão Internacional de Arte Fotográfica de S. Paulo, na Galeria Prestes Maia,



A inauguração da exposição individual de Alberto J. Pozzi, na séde social do F. C. Bandeirante, marcou mais um destacado acontecimento em nossa vida social. Os clichés fixam o momento em que o distinto visitante, ladeado pelo Sr. Consul Adjunto da Argentina, era apresentado ao numeroso público presente, e um aspecto de uma das salas de exposição, momentos após.



Aproveitando a estadia em nossa Capital de Alberto J. Pozzi, do Foto Club Buenos Aires, e Boris Kauffmann, Presidente do Foto Clube de Santos, a Diretoria do F. C. Bandeirante ofereceu-lhes um jantar íntimo. São dessa festa de confraternização os flagrantes que acima estampamos.

e á noite foi-lhe oferecido um jantar que contou com a presença também de nosso destacado companheiro, Sr. Boris Kauffmann, Presidente do Foto Clube de Santos, do qual Pozzi foi hospede na vizinha cidade praiana.

tuando o prazer com que o Clube recebia o distinto representante do Foto Clube Buenos Aires, o qual foi muito cumprimentado pelos presentes.

Marcando de forma indelével sua passagem por esta Capital, realizou Alberto J. Pozzi, na séde social do F. C. Bandeirante, uma exposição de seus trabalhos, — na maioria vistas e cenas de gênero colhidas durante suas viagens, seja em sua pátria, como através da Bolívia, Chile e Perú — com os quais mais uma vez demonstrou sua apurada técnica e senso estético. A inauguração dessa mostra, na noite de 13 de abril, contou com a presença dos Srs. Consules da Argentina e grande número de convidados, sócios e pessoas de suas famílias, constituindo mais um acontecimento na vida social do Clube. Nosso Presidente, em rápidas palavras apresentou o visitante ao público acen-

tuando o prazer com que o Clube recebia o distinto representante do Foto Clube Buenos Aires, o qual foi muito cumprimentado pelos presentes.

Simple e alegre, cativou Pozzi quantos com êle conviveram durante esses poucos dias, aqui deixando as mais sólidas amizades. Temos a certeza de que sua visita muito contribuirá para o maior conhecimento entre os aficionados da Argentina e do Brasil, estreitando ainda mais os laços de amizade e cooperação que já nos ligavam aos colégas do Prata.

AS FOTOGRAFIAS DO MÊS

Sob a epígrafe acima, o Boletim reproduzirá todos os meses, algumas das fotografias que melhor classificação obtiverem nos concursos internos do Clube, nas várias categorias em que se dividem os concorrentes.

Ilustram este número, trabalhos apresentados no concurso relativo ao mês de Março p.p..

★ Aperfeiçõe-se na arte fotográfica, participando dos concursos internos do Clube ★

As Fotografias do Mês



"AUTO-RETRATO"
Guilherme Malfatti



"RECANTO DE ATELIER"
Arnaldo M. Florence



"J. LELLIS VIEIRA"
M. Laert Dias



"HELENITA"
Moacyr Moreira

Seminário de Arte Fotográfica

Dando seguimento ao ciclo de debates sobre Arte fotográfica, fez a Diretoria do Foto-cine Clube Bandeirante realizar em sua sede social, a 17 do corrente, mais um Seminário, a exemplo do que vem procedendo todos os meses. Foi esta reunião, que teve a orientação de Eduardo Salvatore, das mais interessantes, adquirindo particular significação com a participação de Alberto J. Pozzi, o destacado amador argentino que, como noticiamos em outro local, se achava em visita a esta Capital, e que, participando ativamente dos debates, demonstrou mais uma vez o seu largo conhecimento desta difícil arte. Os debates, por vezes bastante vivos, mal permitiram uma anotação adequada. Em todo o caso, apresentamos a seguir uma súmula de como transcorreram os trabalhos.

1.º Trabalho — “SIGNO DO PROGRESSO”

Autor — Washington Coimbra

Dados técnicos — Leica, Summitar 1:2, 1/30 a f.8. Film Ilford, revelado em DK 20. Ampliação pelo autor em Ansco Kashmir White, Brovira.

Orientador — Solicita ao A. que esclareça á Casa quais as emoções que procurou transmitir com seu trabalho, afim de se poder aquilatar do grau em que o havia atingido.

Autor — Informa que procurou transmitir o sentido do trabalho mecânico, dentro da sua concepção moderna. Por isso selecionou o motivo num flagrante de uma moto-niveladora em plena atividade. Esclarece, outrosim, que procurou na tomada de vista, colocar-se dum ângulo que lhe proporcionasse uma fotografia dinâmica, pela tradução do “movimento”.

Orientador — Julga que o “desideratum” foi em parte atingido, uma vez que a sensação de movimento foi obtida, embora com algumas restrições, já pela orientação das linhas dominantes, já pela impressão da queda de terra pela lâmina da máquina.

Souza Lima — Opina existir uma certa discordância entre o título e a preocupação de “movimento” na fotografia final.

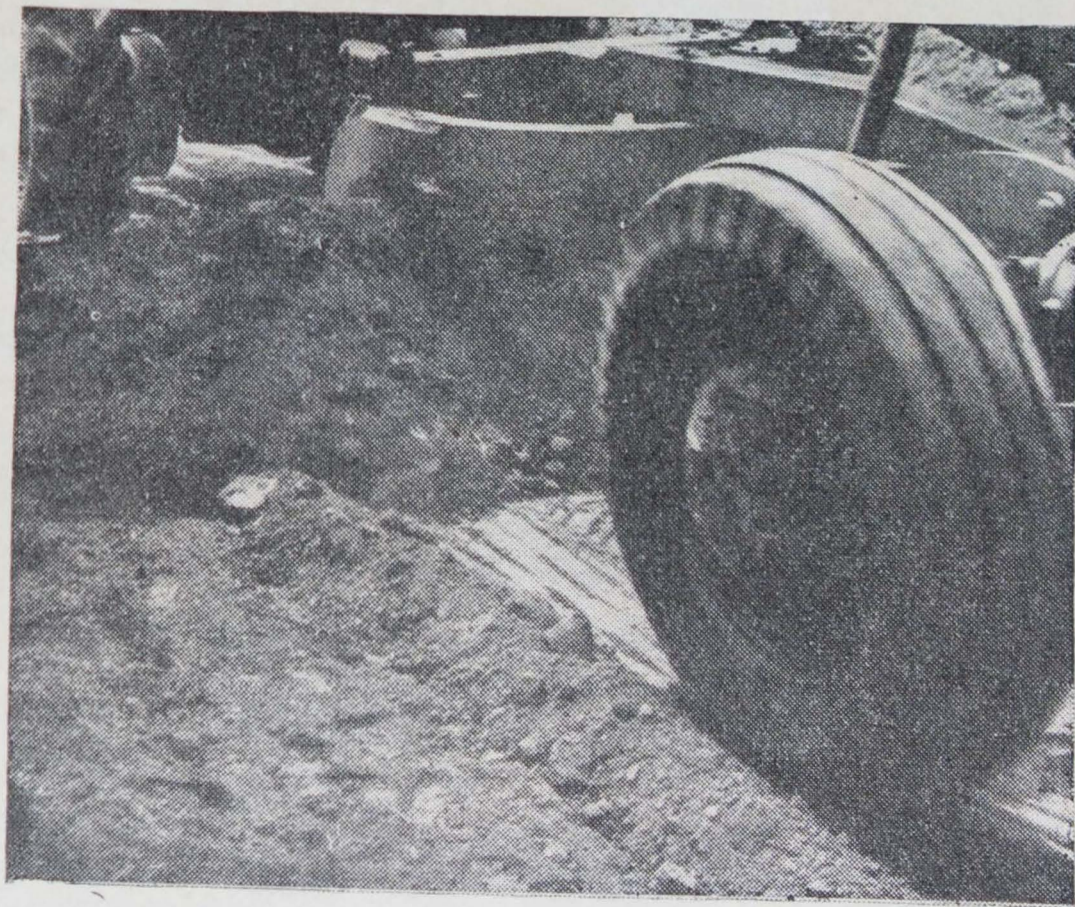
M. Tavares — Afirma seu ceticismo em se poder traduzir “movimento” na fotografia, de um modo geral.

J. Polacow — Aparteia esclarecendo que a questão de “movimento” em fotografia é puramente convencional e subjetiva, como de resto, é convencional e subjetiva qualquer manifestação de Arte Fotográfica. A mesma coisa ocorre com a “plástica”, com o “relêvo”, com a “profundidade”, etc..

M. Tavares — Defende seu ponto de vista sobre não se poder fotografar o “movimento”, afirmando só aceitar a existência de “movimento”, com o deslocamento de um objeto no espaço e no tempo.

J. Polacow — Argumenta que tal conceito é verdadeiro na Física, o que não implica na inexistência de “movimento” nas artes plásticas, dentro da sua concepção própria e adequada e de acôrdo com uma terminologia já consagrada; “movimento”, “ritmo”, etc., não são neologismos ou solução esdruxulas de linguagem para tornar pitoresca a discussão, mas constituem termos de significados bem definidos e conhecidos para aquêles que se dedicam ao estudo e á análise da Arte Fotográfica.

G. Barros — Intervem, esclarecendo que a Fotografia é uma Arte plástica, com suas naturais con-finações. Assim, o problema deve ser resolvido, como p. ex. na pintura, dentro de um retângulo.



“SIGNO DO PROGRESSO”

Washington Coimbra

Uma seta colocada num retângulo em determinada direção, por si só, indica movimento.

J. Polacow — Corroborando essa idéia, apresenta dois trabalhos da exposição Pozzi e convida Tavares a se pronunciar sobre si ambos lhe suscitam as mesmas emoções. Evidentemente não. Isso, porque um é mais estático ao passo que outro é mais dinâmico, ou seja, tem mais "movimento".

Acalora-se a discussão na qual intervem vários consócios, e á qual o orientador põe termo salientando o significado da expressão "movimento" em fotografia, e voltando á discussão objetiva do trabalho de W. Coimbra.

J. Polacow — Acha que o trabalho se ressent de unidade e simplicidade. Para sua interpretação somos forçados a penetrá-lo por deduções técnicas.

Orientador — Concorde plenamente, acreditando que Polacow tocou no ponto crítico do trabalho: a carência de unidade e simplicidade. O que deveria constituir o ponto de interesse foi seccionado pelo segundo plano, representado pela terra, para depois reaparecer o restante da máquina. A terra do segundo plano, perfeitamente em fóco, apresenta-se muito marcante, desviando a atenção do observador.

A. Pozzi — Participa dos debates, afirmando que para completar a sensação de movimento, nesse trabalho, seria necessário que a terra desse mais sensação de quédia.

Orientador — Remata a discussão, resumindo tratar-se de um trabalho sem dúvida com algum valor, mas que não atingiu plenamente o objetivo a que se propoz o autor, especialmente pela falta de unidade e de simplicidade, fatores preponderantes na execução de um bom quadro.

2.º Trabalho — "SOBRE O LAGO"

Autor: Claudio Pugliese

Dados técnicos — Leica, Summitar 1:2, 1/100 a f.6,3 — filme Panatomic X — Bromoleo transporte.

Orientador — Indaga qual o motivo que levou o autor o escolher o processo Bromoleo para a execução desse trabalho.

Autor — Acredita que o bromóleo póde melhor representar a fotografia, oferecendo ao amador maior campo artístico que os processos simples de brometo e cloro-brometo.

A Nuti — Concorde com o autor, pois acha que o processo Bromóleo, como os outros processos similares, conferem maior individualidade á obra.

J. Polacow — Não encontra muita relação entre um e outro. Acha que os dois processos, — bromóleo e simples brometo — têm as suas qualidades e os seus confinamentos, bem definidos. O que re-



"SOBRE O LAGO"

Claudio Pugliese

sulta é que tanto com o bromóleo como sem êle, pode-se fazer obra de arte, desde que as demais condições sejam satisfeitas. Acredita, isto sim, em autores que trabalham com processos diferente. O bromoleista trabalhará desde o início, preocupado em fazer bromóleo. O outro, estará objetivando o seu trabalho em brometo. Cada qual agirá, pois, em função do processo que irá adotar, o que não implica em que um processo seja mais artístico do que outro.

Orientador — Expende sua opinião de que não existem processos mais artísticos ou menos artísticos. A Arte não está no processo empregado na execução da obra e sim no conteúdo do quadro, aliado á uma boa técnica, seja qual for o processo adotado. Tudo está em obter um bom negativo — bom no sentido artístico. Tudo reside na capacidade do artista, independentemente do processo que venha a utilizar no acabamento final da obra.

M. Morales — Apoia a opinião do orientador e cita recente artigo de H. Zappa em nosso Boletim, no qual o autor — bromoleista dos mais reputados — afirma que antes de ser um bom bromoleista deve-se ser um bom fotógrafo.

F. Albuquerque — Opina que o bromóleo deixa de ser um processo puramente fotográfico, por permitir a excessiva intervenção do artista com meios estranhos á fotografia, como sejam tintas, etc..

Orientador — Discorda de Albuquerque, pois existe a intervenção do artista também no simples brometo, com as "proteções", viragens (por vários processos), retoques, etc..

Ciro Cardoso — Examinando o trabalho em discussão, vê nele um exemplo de que nem sempre o bromóleo alcança bons resultados.

A. Pozzi — Discorda, acentuando que o trabalho em questão se apresenta com falta de vigor em suas linhas e planos sem boa definição, não em virtude do processo, mas sim por sua execução técnica defeituosa.

Autor — Explica que ainda não tem domínio perfeito sobre o processo, e que fez um único transporte, não podendo, por isso, traduzir bem os planos e, dado o assunto fotografado, não podendo impedir um certo empastamento das massas sombrias.

A. Pozzi — Acentua que reside aí a falha da fotografia e que, em se tratando de transporte de bromóleo, não basta um único transporte, mas, para se conseguir um melhor efeito, deve-se repeti-lo por duas ou três vezes.

3.º Trabalho — "AUTO-RETRATO"

Autor — Guilherme Malfatti

Dados técnicos — Ikonta, lente de aproximação. Máquina segura na mão e voltada para êle. Iluminação natural; filme Verichrome. Auto-retrato automático.

Autor — Fazendo um auto-retrato, procurou alguma originalidade e equilíbrio com o corte que deu.

Ciro Cardoso — Opina sobre o trabalho acentuando sua originalidade e feliz execução.

F. Albuquerque — Concorda, ressaltando o córte, arrojado e pouco comum, ao qual se deve todo o efeito do trabalho. Feliz na iluminação e bastante equilibrado. Acha que uma cópia mais primorosa o tornaria ainda mais interessante.

A. Pozzi — Julga a ampliação (30x40 cts.) demasiada. Em retratos deve-se evitar a figura maior que o natural, daí aconselhar-se uma ampliação no

máximo de 24x30, o que traria também uma correção para os efeitos de perspectiva.

Orientador — Concorda com a opinião precedente, como regra geral. No caso da fotografia em estudo, temos porém "uma das "exceções á regra". Por motivos peculiares á sua feitura, fugindo mesmo um pouco de um "auto-retrato" na acepção própria do termo, o excesso de ampliação — excesso que se traduz em ser a imagem maior do que o modelo — antes de lhe trazer um efeito desagradável, emprestou-lhe um efeito bizarro e interessante, com o que se acentuaram as qualidades do trabalho.

Plinio Mendes — Emite o seu ponto de vista inteiramente de acordo ao do orientador.

J. Polacow — Concorda na concepção arrojada do trabalho e procede a uma ligeira análise da composição, da qual se evidencia a possibilidade da aplicação do "corte de ouro", dentro de sua concepção clássica e a despeito da apresentação modernista da obra.

Encerra-se o debate sobre o trabalho, com francos e generalizados elogios ao seu autor.



"INTERIOR"

Euclides Machado

★ Propor novos sócios é o dever de todo bom sócio ★

4.º Trabalho — "INTERIOR"

Autor: Euclides Machado

Dados técnicos — Rolleiflex — Tessar 3,5 — 1/10 a f.6,3 — Film Verichrome. Ampliação em Gevaert, Viragem Sépia.

Autor — Numa de suas viagens a Minas, Ouro Preto procurou documentar o interior do museu.

A. Nuti — Acredita que mais do que documentar simplesmente o interior do museu, o autor se deixou levar pelo jogo de luzes e sombras. E, conquanto as sombras estejam bem traduzidas, as luzes são demasiadamente fortes e deveriam ser melhor tratadas no positivo. Com isso poderia o autor obter um trabalho de maior valor artístico.

J. Polacow — Opina que do ponto de vista de traduzir um ambiente, o trabalho apresenta mais qualidades técnicas do que propriamente artísticas. Acha o trabalho carente de qualidades emocionais, pois mostrando um ambiente de antiguidade, não consegue transporta-se á época. Enxerga, mas não sente.

Souza Lima — Não lhe parece ter sido essa a finalidade do trabalho, mas apenas um documentário e, sendo assim, julga-o um bom trabalho.

Autor — De fáto não o preocupou a questão de uma interpretação mais artística com os elementos fotografados, transportando-se para épocas anteriores. Tão sòmente quiz perpetuar aquéla ala do museu local, levado, sem dúvida, pelo efeito de luzes e sombras e jogo plástico das linhas e massas.

F. Albuquerque — Tem a impressão que o autor não obteve nem um bom documentário, mas apenas um jogo de luzes e nada mais.

A. Nuti — Insiste no seu ponto de vista de que com os elementos que teve á mão, o autor poderia executar um trabalho artístico, apenas com maior apuramento de ordem técnica.

A. Pozzi — Concorde plenamente com Nuti. A fotografia poderia exprimir maior efeito, inclusive de profundidade, si as primeiras luzes tivessem sido mais escurecidas, levando a vista ao último plano. Da forma como se apresenta, na sua opinião, o trabalho não logrou nem um "documentário" para o qual os mínimos detalhes seriam necessários, nem um trabalho de interpretação artística, notando que

apesar da declaração do autor, parece-lhe ter sido esta a sua tendência no momento de colher o negativo.

Orientador — Está com Souza Lima na interpretação do trabalho como simples documentário, ou melhor, como um documentário bem executado e não banal como certos "cartões postais".

Generalizam-se os debates e o orientador, dado o adiantado da hora, dá por encerrada a proveitosa reunião.

2.ª EXPOSIÇÃO PAULISTA DE INVERNO

O Grêmio Anglo Americano de Letras, do Curso Anglo Americano de Língua Inglêsa, com o patrocínio do Foto-cine Clube Bandeirante, já está preparando a 2ª. Exposição Paulista de Inverno de 1950, espera-se, alcançará o mesmo êxito da precedente.

Essa Exposição a que poderão concorrer sòmente artistas nacionais ou residentes no território nacional, será realizada de 15 a 30 de Julho, no salão daquele Grêmio, à R. Rubino de Oliveira, 342. aos certames desse gênero, serão encerradas a 25 de

As inscrições que obedecerão às regras comuns Junho, podendo cada concorrente inscrever no máximo 4 (quatro) trabalhos.

Prêmios

Ao melhor conjunto de 4 (quatro) trabalhos, caberá, a obra prima do grande escultor campineiro, Lélío Coluccini — SAMBA — cuja posse definitiva caberá ao vencedor de três anos consecutivos ou quatro alternados. Além de u'a medalha de prata com disco de ouro, que será oferecida ao vencedor do prêmio de conjunto, no sóco da estátua, será colocado um cartão de prata com o nome do vencedor e a data da Exposição. Nos demais gêneros, serão oferecidas medalhas de prata.

A Diretoria do Grêmio já está distribuindo os respectivos boletins, mas os aficionados poderão obter qualquer informação no séde do Grêmio, à R. Rubino de Oliveira, 342, fone 9-4859.

A REALIDADE E O RITMO CINEMATOGRAFICO

ANTONIO DA SILVA VICTOR

Em comentário anterior tivemos oportunidade de tratar do "interêsse" nos filmes amadores. Procuramos salientar o natural ambiente que existe entre todos nós para a apreciação favorável de um filme não profissional. Frizamos, naquela oportunidade, ser um dos principais fatores a qualidade de "real" que os filmes amadores apresentam. Quasi sempre, estão registrando acontecimentos de nossa vida diária e, por isso mesmo, de cunho e de gosto muito pessoal de cada um dos assistentes.

No entanto, não basta o fator acima indicado, como único elemento para tornar, cinematograficamente, o filme de melhor qualidade. Já consideramos a fotografia e o valor composicional que ela apresenta; já destacamos o papel da montagem; já analisamos o cuidado na organização do roteiro; também cogitamos da utilização de termos rigorosamente de cinema na confecção do filme. Cabe-nos, agora, falar um pouco do "ritmo cinematográfico".

Já conhecemos o cepticismo entre alguns dos nossos pela afirmativa de, na fotografia, haver "ritmo". Ainda estão muito bem rememoradas as últimas tertulias de um dos "seminários", girando exclusivamente em torno da "existência" e "inexistência" do "ritmo" na fotografia... Felizmente, no cinema essa pendência não existe e nem tem motivo de se apresentar. O "ritmo" no filme, está sempre em evidência e por seu intermédio podemos alcançar valores de ordem estética e emotiva que ao leigo quasi sempre passam despercebidos.

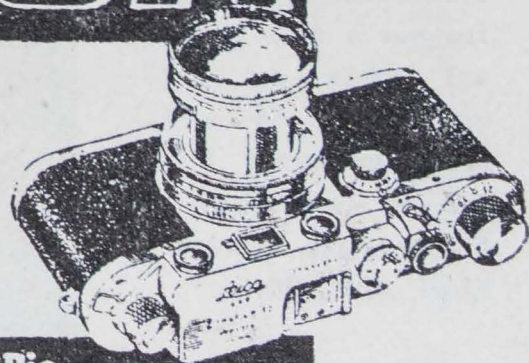
Ao amador, por exemplo, preocupado em apresentar um filme que satisfaça exclusivamente ao seu gosto ou inclinação pessoal, pouco importará que o desenrolar das sequências se processe de uma forma irregular: prolongará cenas que deveriam ser curtas ou reduzirá outras que deveriam ser mais demoradas. O resultado na projeção é o mais desastroso. O assistente estará logo saturado com as "gracinhas" do filhinho do amigo, apresentadas em 10 metros de película e ficará decepcionado em não ter tido tempo de observar com maior cuidado os detalhes de um sítio ou de uma rua que o filme registra quasi em "instatâneo". Esse contraste chocante, infringindo as re-

comendações dos princípios ritmicos dos filmes, trará como resultante uma desvalorização acentuada no valor artístico da obra exibida. Cabe, portanto, ao amador, analisar desapassionadamente o valor de cada uma das suas tomadas e dar-lhes, no conjunto do filme, a correspondente classificação. As tomadas de maior importância, devem ser apresentadas com intensidade e duração suficientes, para transmitirem ao assistente toda a emoção ou pictorialismo que possam registrar. As de menor relevância, serão colocadas como peças acessórias e auxiliares, na transição entre um plano de tomada e outro de igual valor. Dessa criteriosa e mais cuidada organização do filme, resultará o seu desenrolar "suave", "descansado", "natural" e, por isso mesmo, de absoluto agrado para a assistência.

Quando observamos um filme profissional, um documentário de uma região pitoresca, podemos notar como se exploram com parcimônia as "panorâmicas". Valendo-se quasi sempre de grandes ângulares e partindo de uma enquadração rigorosamente composta, o cinegrafista profissional coloca o seu público no melhor e mais artístico ponto de vista da paisagem registrada por sua "câmera". Movimentando-a com suavidade, proporciona aos olhos do espectador o mesmo sentimento de deslocação que ele, "naturalmente", faria, si estivesse sentado no cimo daquela verdejante colina. Inter-

LEICA

a câmara universal da mais alta precisão.



KLEINER & CIA. - Rio

Rua Teófilo Otoni, 89 - Caixa Postal 4504

rompendo essa tomada, nos dá uma curiosa figura apontando em outra direção e dali em diante, colocando-se em novo plano, apresenta-nos outra "panorâmica", que termina enquadrando as figuras inicialmente apresentadas na tomada que a precedeu. Insencivelmente e de forma agradabilíssima aos nossos sentidos, pudemos apreciar as belezas naturais de uma região e com a sensação de "nossa presença real" no cenário. A transposição cinematográfica dessas tomadas, cuja montagem se processou de uma forma eficiente, traz em todos os seus momentos uma perfeita sensação de "ritmo" e que realizamos instintivamente, quando nos colocamos no alto de um morro a apreciar a natureza.

Possui o cinema "ritmo" e ele deve ser tão intenso ou moderado quanto mais intensas ou repousantes as emoções que seja nosso intento transmitir. Num filme esportivo, tomadas em planos diferentes e montadas com a duração mais ou menos igual, serão um magnífico exemplar da agitação e movimentação que uma disputa dessa natureza apresenta. Cenas de torcida: angustia, entusiasmo, decepção, medo, rancor, indiferença, etc. quando intercaladas no momento propício, poderão contribuir em muito para aumentar a emoção, provocar o riso, entusiasmar, etc., etc.. Do mesmo modo como estaria agindo no campo, no hipódromo, no ginásio, o assistente acompanhará aquelas transições e

acabará "vivendo" os acontecimentos do filme como si realmente estivesse presente à disputa. Ele sentirá aquela evolução "natural" em todos nós, quando acompanhando uma jogada espetacular interrompemos nossa visão, para nos admirarmos da expressão de espanto do vizinho sentado no banco fronteiro. No mesmo instante e ainda saboreando internamente aquela "agonia" do companheiro de espetáculo, voltamos nossos olhos para a luta e prosseguimos sentindo as emoções que ela nos proporciona. Essa evolução espontânea de nosso "interêsse", obedece um "ritmo natural" e que o cinema perfeitamente sabe explorar, como de fato explora.

Ao amador perspicaz não podem passar sem registro essas observações. Ele deve utilizar no seu filme, todos os recursos ao seu alcance, para melhor apresentar os acontecimentos de uma forma bastante fluente, dando a exata sensação de uma coisa presenciada "in-loco", provocando as mesmas reações, a mesma curiosidade e o mesmo interêsse assinalados por todos quantos presenciaram na realidade os fatos cinematográficos.

Quanto melhor e real o "ritmo" do filme, mais verdadeiras e duradouras serão as emoções que ele nos transmitirá, integrando-nos na essência da história e proporcionando-nos aquela muito agradável impressão de termos estado presentes quando ela se desenrolou.

A TROCA DE AUTÓGRAFOS, nos respectivos catálogos, já se tornou um hábito entre os expositores "bandeirantes". Neste flagrante, colhido pelo Gabriel no recinto do VIII Salão Internacional recentemente encerrado, vemos entregues a essa agradável tarefa, os consócios Rossi, Souza Lima, Machado e Francesconi (sentados) e Albuquerque, Victor e Fiori (em pé).



OS QUE SE DESTACAM

A classificação final de 1949 — Participação em 35 Salões: 740 trabalhos admitidos!

Dentre as atividades do F. C. Bandeirante que mais tem contribuído para solidificar o seu renome, constituindo ainda fator importantíssimo para o melhor conhecimento no exterior, do nosso Brasil, nossa cultura e nossa arte, uma das mais sobressalientes é a participação nos principais salões que se realizam no país e no estrangeiro.

Para se verificar quão intensa tem sido essa atividade, basta dizer que, em 1949, o F. C. Bandeirante se fez representar em nada menos que 35 Salões, a saber: Des Moines (E.E.UU.), Mendoza, Tres Arroyos, Buenos Aires, Salta, Argentino, Montreal, Western Canadá, Port Colborne, Portugal, Charleroi, Quebec, Halifax, Middland, Johannesburg (Africa do Sul), Cairo, Barcelona, S. Sebastian, Vancouver, Antuérpia, Londres, Salzburg (Austria), Chile, Paris, S. Paulo, Casa Branca, Victória, Canadá, S. Carlos, Malines, Bologna (Itália), Gent, Uruguay, Fluminense, Igualada e Nottingham.

Em todos eles, as representações bandeirantes mereceram dos críticos especializados as mais encoimásticas referências e, aliás, os números registra-

dos falam bem alto do valor dessas representações, eis que, os 69 consócios que delas participaram, registraram a alta cifra de um total de 740 trabalhos admitidos, além de conquistarem 16 prêmios! Tanto mais significativo é esse resultado, quando se sabe que desde ha algum tempo, o Clube adotou a praxe de organizar suas representações com o máximo de apenas 2 trabalhos por autor!

— De acordo com o Regulamento de Concursos Internos, todos os anos o Clube premeia os consócios que mais se distinguiram no computo geral desses certames de acordo com os resultados oficialmente recebidos. Assim é que, encerrada a série de 1949 com o resultado do Salão de Nottingham (Inglaterra) que publicamos noutra local, foi levantada a classificação geral, sagrando-se, mais uma vez, vencedor, nosso Presidente, Dr. Eduardo Salvatore, com 50 trabalhos admitidos, seguindo-lhe F. Albuquerque com 39 fotografias admitidas.

Damos a seguir a relação dos consócios que alcançaram mais de 200 pontos, assinalando o número de trabalhos que tiveram aceitos e prêmios conquistados:

NOME	TRABS. ADMTS.	PREMIOS				PONTOS
		1.º	2.º	3.º	4.º, 5.º e M.H.	
1 — Eduardo Salvatore	50	1	—	—	—	2.000
2 — Francisco A. Albuquerque	39	—	1	—	1	1.580
3 — Roberto H. Yoshida	27	—	—	—	2	1.080
4 — Gaspar Gasparian	30	—	—	—	—	1.060
Masatoki Otsuka	31	—	—	—	1	1.060
Luis Vaccari	28	—	—	—	—	1.060
5 — Fernando Palmerio	28	—	1	—	—	1.050
6 — Nelson S. Rodrigues	30	—	—	—	—	1.040
7 — Angelo F. Nuti	26	—	—	—	1	1.020
Carlos F. Latorre	29	—	—	—	1	1.020
8 — Galiano Calliera	27	—	—	—	—	1.000
9 — Julio Agostinelli	27	—	—	—	—	940
10 — Jacob Polacow	22	—	—	—	2	860
11 — Thomaz J. Farkas	24	—	—	—	—	820
12 — German Lorca	19	—	—	—	—	660
13 — Plinio S. Mendes	17	—	1	—	—	650
14 — José V. E. Yalenti	18	—	—	—	—	640
15 — Ludovico E. Mungiolli	15	—	—	—	—	560
16 — Henri E. Laurent	16	—	—	—	1	560
Sergio Trevelin	16	—	—	—	—	540
Manoel Morales Fº.	16	—	—	—	1	540
17 — Antonio S. Victor	15	—	—	—	—	480
18 — Asterio Rocha	14	—	—	—	—	460
19 — Aldo Souza Lima	14	—	—	—	—	360
20 — Francisco B. M. Ferreira	9	—	—	—	—	320
21 — Guilherme Malfati	9	—	—	—	—	260
Emilio Talochi	7	—	—	—	—	260
22 — Arnaldo M. Florence	8	—	—	—	—	240
Claudio Pugliese	8	—	—	—	—	240
Ismael A. Souza	6	—	—	—	—	240
Oswaldo Alderighi	7	—	—	—	—	240
23 — Alfio Trovato	8	—	—	—	—	220
24 — Carlos Comeli	6	—	—	—	—	200
Paulo S. Takayama	6	—	—	—	—	200

IX Salão Internacional de Arte Fotográfica de S. Paulo

Sua realização em Setembro — Adiantados os preparativos — Encerramento das inscrições a 15 de julho próximo.

Conforme já foi noticiado, deliberou a Diretoria do Foto-cine Clube Bandeirante antecipar para o mês de setembro, todos os anos, a realização do máximo certame de fotografia artística de São Paulo. Dest'arte não estará mais o Salão sujeito às contínuas alterações do calendário das exposições programadas para a Galeria Prestes Maia e que tanto atrasaram o último certame.

Assim sendo, foram tomadas já, pela Diretoria, todas as medidas necessárias junto ao Departamento de Cultura da Prefeitura Municipal, o qual já deferiu o pedido de reserva da famosa Galeria para aquele mês.

Por outro lado vem sendo ativados todos os demais preparativos, como sejam a distribuição dos boletins de inscrição e expedição de convites às entidades com as quais mantemos intercâmbio, muitas das quais já responderam assegurando a participação de seus associados.

Certame que já se impôs definitivamente como um dos mais importantes da América Latina, atraindo a colaboração dos mais destacados nomes da arte fotográfica mundial, não resta dúvida que deverá marcar mais um expressivo êxito, repetindo o feito do Salão de 1949 — uma das mais notáveis exposições de arte fotográfica já realizadas entre nós.

O prazo para inscrição termina a 15 de julho — Com a antecipação do certame, também o prazo para inscrições e entrega de trabalhos foi antecipado para o próximo dia 15 de julho, impreterivelmente.

O IX Salão Internacional de Arte Fotográfica de S. Paulo, já está, portanto, bastante próximo e os nossos aficionados não têm tempo a perder. Desde já devem selecionar e preparar seus trabalhos. A pressa é inimiga da perfeição e lembremo-nos que o Salão de S. Paulo atingiu já um nível qualitativo que o colocou entre os mais renomados e, por isso mesmo, entre os mais difíceis e exigentes salões do mundo, ao qual somente poderão ser admidas obras de arte perfeitas. O menor descuido poderá, assim, ser prejudicial. E aos nossos amadores que tão alto têm elevado o prestígio da arte fotográfica brasileira despertando a

admiração dos críticos em todo o mundo, cabe a responsabilidade de manter e aumentar ainda mais esse renome, repetindo o feito dos últimos dois anos anteriores, quando foi a representação nacional considerada como a mais categorizada do nosso e de muitos outros certames internacionais.

Não há tempo a perder, repetimos. Mãos á obra, portanto, aficionados do Brasil.

As condições de inscrição — São já conhecidas as condições de inscrição constantes do regulamento do Salão Internacional de Arte Fotográfica de S. Paulo, e que, em linhas gerais, obedecem às comuns a todos os salões dessa categoria.

Todavia, para lembrança dos concorrentes, repetimos aqui as principais:

— Número máximo de trabalhos permitido para cada autor: 4;

— Tamanho mínimo de 24 cts. do lado menor e máximo de 40 cts. no lado maior, montado em cartolina branca ou creme de 35x50 ou 50x70 cts.; esta condição é exigida apenas para os concorrentes da Capital, pois os do interior e de outros Estados, assim como os do estrangeiro, deverão enviar seus trabalhos, sem montagem. Neste caso, no verso de cada trabalho, deverão constar seu número de ordem, título, nome e endereço do autor, claramente escritos.

— Taxa de inscrição de Cr.\$ 30 00 (trinta cruzeiros) qualquer que seja o número de trabalhos inscritos.

— Conforme dissemos acima, o prazo para inscrições será encerrado impreterivelmente a 15 de julho próximo, devendo os trabalhos, bem como os boletins e taxa de inscrição serem entregues ou remetidos ao Foto-cine Clube Bandeirante, R. Avanhadava, 316, S. Paulo, Brasil.

A Secretaria do Foto-cine Clube Bandeirante atenderá com prazer toda consulta ou pedido de informações que lhe forem formulados, podendo os boletins de inscrição e regulamento do Salão serem encontrados também nas casas fotográficas da cidade.

O BANDEIRANTE NO EXTERIOR

Damos a seguir os últimos resultados que nos chegaram do exterior, referentes á participação de nossos consócios nos Salões promovidos pelas entidades de todo o mundo, com as quais mantemos intenso intercâmbio.

45.º Salão de Nottingham, Inglaterra

Admitidos: "Marinheiro Americano" de Francisco Albuquerque; "Arquitetura Paulistana" de Galiano Calliera; "Visão Tropical" e "Dalias" de Gaspar Gasparian; "Velocidade" de Ludovico E. Mungioli; "Telhas" e "Silhueta" de Masatoki Otsuka; "Companheiros da madrugada" de Jacob Polacow; e "Sonata" de Roberto Yoshida.

8.º Western Canadian Salon — 1950

Deste importante salão canadense, promovido pelo Manitoba Camera Club de Winnipeg, participaram os seguintes consócios: Julio Agostinelli, com "Força centrífuga"; Guilherme Malfatti com "Pintor místico"; Masatoki Otsuka com "A verdureira", Francisco B. M. Ferreira com "Férias" e Sergio Trevelin com "Paz" e José Oiticica Fº., com "Estudo" e "Grandeur".

13.º Salão de Portugal — 1950

Também ao renomado certame anualmente organizado pelo prestigioso GREMIO PORTUGUES DE FOTOGRAFIA, enviou o F. C. B. uma representação de trabalhos de nossos consócios, sendo o resultado da seleção o seguinte: Admitidos: "Marcha á ré" e "Retrato" de Francisco Albuquerque; "Solarizada" de Geraldo de Barros; "Ressaca" de Ciro A. Cardoso; "Corredeira" de Mario Fiori; "Composição" e "Goiabas" de Gaspar Gasparian; "Vertigem" de Aldo S. Lima; "Pulo no espaço" de Asterio Rocha; "Cara de gato" de Nelson S. Rodrigues; "Maternidade" de Jaime Serva; e "Rosto de mulher" de Roberto H. Yoshida.

CONCURSOS INTERNOS

Os concursos de Maio

Para o próximo mês de maio, mais dois concursos internos estão programados: um sobre fotografia em branco e preto e outro de transparências em cores, ambos sob **têma livre**. Dado o grande entusiasmo com que vêm sendo disputados esses concursos, não resta dúvida que os mesmos deverão reunir centenas de trabalhos, sendo portanto dos mais interessantes, maximé com a aproximação do próximo IX Salão, quando os nossos consócios já procuram experimentar a força dos respectivos trabalhos, submetendo-os á acurada crítica dos nossos severos julgadores. Como de costume, as inscrições serão encerradas no dia 20.

Os próximos concursos

Para os meses seguintes, é o seguinte o calendário dos concursos internos:

MESES	FOTOGRAFIA	DIAPPOSITIVOS em cores
Abril	INDUSTRIAS (cênas, trabalhos, maquinas, etc.)	— —
Maio	TEMA LIVRE	3.º Tema Livre
Junho	DIAS DE CHUVA	— —
Julho	TEMA LIVRE	4.º Tema Livre
Agosto Setembro	Não haverá concursos em virtude da realização do IX SALÃO INTERNACIONAL DE ARTE FOTOGRÁFICA DE S. PAULO.	
Outubro	PAISAGENS	Paisagens
Novembro	TEMA LIVRE	— —
Dezembro	"UMA CHICARA DE CAFÉ" (Composição)	6.º Tema Livre

Aviso aos concorrentes

Afim de não dificultar a boa ordem dos serviços, lembra o Sr. Diretor Auxiliar de Concursos que os trabalhos deverão ser entregues, nos termos do regulamento de concursos internos, **já montados**, (exceção feita para os concorrentes do interior) e impreterivelmente, até **48 horas depois de encerrado o prazo para inscrições**, vale dizer, até o dia 22. Os que não preencherem estas condições, não serão admitidos a concurso.



CALENDÁRIO DE SALÕES INTERNACIONAIS DE 1950

Pelo Diretor de Intercâmbio, foi organizado o calendário abaixo de salões internacionais a se realizarem durante o ano de 1950 no estrangeiro, e aos quais o Clube concorrerá em representações coletivas de seus associados.

Nessa relação foram incluídos, de preferência, os salões promovidos por entidades congêneres que mantêm intercâmbio com o Fc. C. B., concorrendo

com idênticas representações ao Salão Internacional de São Paulo.

Foram considerados apenas os salões que se realizam impreterivelmente, todos os anos, o que não impedirá de a relação serem acrescentadas posteriormente, outros salões e certames promovidos por associações amigas ou que venham a iniciar relações com o nosso Clube.

SALÕES	CIRCUITOS	Datas de entrega no Clube
6.º Salão Int. de Adelaide (Austrália)	Sidney, Melbourne e Nova Zelandia	30 de Abril
38.º " " " Paris (França)	Holanda, Luxemburgo e Checo-slováquia (prováveis)	12 de Maio
4.º " " da Dinamarca	Suécia e Noruega (prováveis)	19 de Maio
" " " F. K. Iris (Antuerpia)	Gand, Charleroi e outros da Bélgica	4 de Junho
6.º " " do F. C. Buenos Aires (Argentina)	_____	30 de Junho
9.º Salão Int. de SÃO PAULO	_____	15 de Julho
4.º " " de Retratos, Bolonha (Itália)	_____	25 de Julho
14.º " " do Chile (Santiago)	_____	6 de Agosto
14.º " " " F. C. Argentino (Buenos Aires - Argentina)	_____	29 de Agosto
" " " Soproni F. K. (Hungria)	Outros salões da Hungria e Austria	11 de Setembro
7.º Concurso Esportivo do C. A. Provincial de Rosario (Argentina)	_____	24 de Setembro
4.º Salão Int. de Cuba (1951)	_____	1 de Outubro
14.º " " de Portugal (1951)	_____	31 de Outubro
15.º " " de Johannesburg - Africa do Sul - 1951	Cape Town, Port Elizabeth e Durban	5 de Novembro
" " da "Irish" (Dublin - Irlanda) (1951)	Outros salões da Irlanda prov.)	3 de Dezembro

OPORTUNIDADES

Esta secção acha-se à disposição dos amadores ou profissionais interessados na compra, venda ou permuta de aparelhos ou materiais foto-cinematográficos, sendo os pequenos anuncios cobrados à razão de Cr.\$ 50,00 para o máximo de 4 linhas. Para os sócios do Clube, a inserção de um pequeno anuncio, mensal será gratuita.

AMPLIAÇÕES 6x9 — Pague menos de Cr.\$ 1,60. Telefone para 8-9287 e mande buscar seu filme 35m/m, que será revelado, ampliado e entregue em sua residência ou escritório. Para 36 exposições, Cr.\$ 60,00; para 20, Cr.\$ 40,00. Descontos especiais em outros serviços aos senhores sócios do Foto-cine Clube Bandeirante. LABORATÓRIO FOTOGRAFICO AMPLI-FOTO, Rubens Astor Azevedo.

MÁQUINA PANORÂMICA — Procura-se uma máquina panorâmica 6x11 ou 8x14 cm.. Ofertas para Werner pelo fone: 4-8926.

Acessórios em geral para fotografia pelos melhores preços. Esmaltadeiras 50x60, tipo plana, toda de ferro, "Fontamac", esmaltadeiras 30x40, 45x60, curvas, refletores, roletes, placas cromadas, marfinites, intermediários para filme rígido, etc.. Não aceite imitações. FONTAMAC, R. Francisca Miquelina, 190 - fone: 3-5628.

IKOFLEX — Vende-se uma, com três meses de uso, acompanhada com jogo de filtros, lente de aproximação, etc., por Cr.\$ 4.000,00. Tratar com José Serodio Junior, pelo fone: 51-5483.

Consertos de máquinas em geral, especializado em estabelecer contacto elétrico para "flash" em qualquer tipo de obturador central, garantindo perfeito funcionamento. SJOERD DE BOER, Alameda San-

FILMADOR AMPRO 16mm. — Vende-se um, acom-

tos, 2450, apt. 12, fone: 7-3745. panhado de objetivas normal e grande-angular e diversos acessórios por Cr.\$ 13.500,00. Tratar com Victor Liberato, das 14 às 18 horas na Avenida Aclimação, 845.

Artigos fotográficos e cinematográficos e acessórios em geral para amadores e profissionais, temos sempre em estoque. Visite-nos, sem compromisso. SIMON KESSEL — Rua Conselheiro Crispiniano, 404 - 2.º and. - s/211.

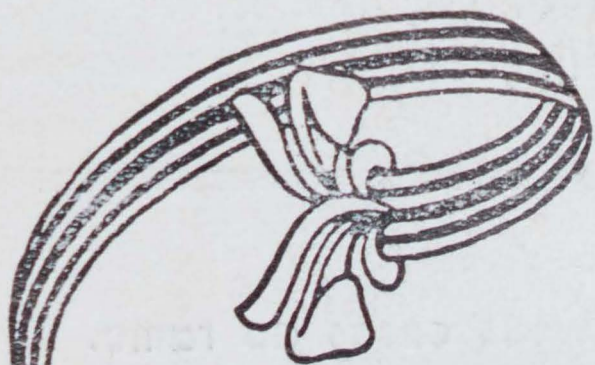


NOS CÉUS DO MUNDO

A "PANAIR DO BRASIL" adotou em suas aeronaves "BANDEIRANTES" para as rotas europeias e americanas talheres e baixelas FRACALANZA. Tal preferência, baseada na matéria prima empregada, na elegância dos artigos e no rigor do seu fino acabamento, representa uma vitória para a indústria brasileira, isto é, para a *prata de casa*.

O "*made in Brazil*", gravado ao pé da gloriosa marca FRACALANZA, percorre os céus do mundo levando por toda parte o nome do Brasil e a afirmação de que a indústria nacional, em alguns particulares, já pode emparelhar com as mais antigas dos vários continentes.

FRACALANZA é uma tradição viva de nossa terra, que atravessa a distância e o tempo, servindo ao Brasil: seu traço característico e a perfeição de suas baixélas e talheres.



Fracalanza

A prata de casa



**Saiba escolher
o seu filme**



para melhores fotografias



**SUPERCHROM
30°**



O filme preferido para fotos de exteriores. De rapidez muito elevada, assegura boas fotos até com pouca luz.



**PANCHROMOSA
32°**



O filme ultra-rápido para instantâneos à noite ou à luz artificial. É o filme para amadores adiantados.



**MICROGRAN
PANCHRO 27°**



O filme de máxima fidelidade para instantâneos e ampliações perfeitas. Não apresenta granulação mesmo em grandes ampliações.

À venda nas melhores casas do ramo.

Record 1007